

FEMA - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS

THIAGO COLZINI LIMA

“CAPITÃES DE AREIA”:

MARGINALIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL

ASSIS/SP

2020

THIAGO COLZINI LIMA

“CAPITÃES DE AREIA”:

Marginalização Infanto-juvenil

Relatório final, apresentado a Fundação Educacional do Município de Assis, FEMA, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Direito.

Orientador:

Assis, ____ de novembro de 2020.

THIAGO COLZINI LIMA

“CAPITÃES DE AREIA”:
Marginalização Infanto-juvenil

Relatório final, apresentado a Fundação Educacional do Município de Assis, FEMA, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Direito.

Assis, ____ de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Elizete Mello da Silva

Prof. Maria Angelica Lacerda Marin

Colzini Lima, Thiago, 1998.

“Capitães de Areia”: Marginalização Infanto-juvenil / Thiago Colzini Lima. 2020.

Orientador (a): Prof. Elizete Mello da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso – Fundação Educacional do Município de Assis, Curso de Bacharel em Direito, 2020.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Fundação, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora Elizete Mello da Silva, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A minha mãe, Selma Colzini, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

Resumo	7
Introdução	8
Capítulo I – Capitães de Areia11
Capítulo III – Desvios e crimes	12
3.1 - Jorge Amado e seus desvios.	13
Capítulo IV – Os desvios e crimes dos Capitães de Areia	14
Capítulo V – Pedro Bala e as aproximações entre a narrativa da década de 1930 e a atualidade.16
Considerações finais.	22
Biografia	24

"CAPITÃES DE AREIA": MARGINALIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL

Resumo: O presente trabalho monográfico tem como objetivo analisar a obrigatoriedade do Estado na garantia e proteção dos direitos fundamentais da infância e da juventude, bem como discutir as implicações que a omissão desse dever estatal gera no processo de criminalização de crianças e adolescentes das classes mais desfavorecidas do país. Demonstra-se que a omissão estatal perpetua uma condição social que desfavorece a juventude pobre, gerando impactos na Segurança Pública e na sociedade.

Esse estudo utiliza o livro *Capitães de Areia* para realizar a analogia com a atual sociedade.

Neste âmbito o trabalho propõe a reflexão sobre os desvios e crimes na infância e adolescência na perspectiva de uma análise sobre "*Capitães da Areia*", obra de Jorge Amado, de 1937. Para melhor entendermos como aconteciam esses desvios e crimes na década de 30, analisamos o comportamento de Pedro Bala, chefe dos capitães, e seus integrantes, retratando a ficção para a realidade social e jurídica e quais as suas diferenças ou semelhanças nos nossos dias atuais, em pleno século XXI quando tratamos da delinquência juvenil.

Palavras-chave: Criminalização; crianças; adolescentes; pobreza; direitos fundamentais.

Abstract:

This monographic work aims to analyze the State's obligation to guarantee and protect the fundamental rights of children and youth, as well as to discuss as a source that the omission of this state duty generates in the process of criminalizing children and adolescents from the most disadvantaged classes in the country. It is demonstrated that the state omission perpetuates a social condition that disadvantages poor youth, generating impacts on Public Security and society.

This study uses the book *Capitães de Areia* to make an analogy with today's society.

In this context, the work proposes a reflection on deviations and crimes in childhood and adolescence in the perspective of an analysis of "*Capitães da Areia*", a work by Jorge Amado, from 1937. To better understand how these deviations and crimes happened in the 1930s, we analyzed the behavior of Pedro Bala, head of captains, and their members, portraying fiction to the social and legal reality and what are their differences or similarities in our current days, in the middle of the 21st century when dealing with juvenile delinquency.

INTRODUÇÃO

Na obra "*Capitães de Areia*", de autoria do escritor brasileiro Jorge Amado, publicada em 1937, retrata a vida de um grupo de menores abandonados, que crescem nas ruas da cidade de Salvador/BA, em um meio social em que todos vivem em um mísero trapiche e na luta pela sobrevivência roubavam da classe mais favorecida economicamente, por esse motivo foi dado a eles o nome *Capitães da Areia*.

Nas ruas de Salvador, cresce um grupo de meninos com a ideologia da luta de classes, visto que na década de 1930 havia no Brasil uma visão de país "novo", onde se vivia em um momento conturbado, pois o aparato policial destinava-se à perseguição pura e simples dos menores infratores, encontrando prazer na tortura, sem qualquer senso de justiça.

Ao contrário de outros espalhados pela cidade, os Capitães da Areia eram os mais conhecidos e os mais "fortes", pois era constituído por jovens que sofreram dentro do reformatório, por isso se compôs o grupo com um líder que constituía as normas em conjunto, que cumpria a responsabilidade de "manter um lar" para as crianças que ali viviam.

Todos os participantes Pedro Bala, João José, Gato, Boa-Vida, Sem-Pernas, João Grande, Dora, Pirulito com a idade de 11 a 16 anos, se juntavam para lutar contra os policiais que faziam atrocidades com a classe mais baixa, visto que a burguesia aristocrática deturpava as regras para uma reestruturação da sociedade.

Nunca foi compreendido os motivos dos atos desses jovens, mas uma mãe decidiu contar o tratamento que recebiam dentro do reformatório distorcendo a imagem de "reeducação":

O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres, a comida que eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte aguenta, e as surras que tomam. E por essas e outras que existem os "Capitães da Areia". Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório.

A obra retrata visivelmente as dificuldades dos menores, as dores do abandono, distribuição de renda desigual, a privação ao acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao convívio familiar e traz uma denúncia de um sistema social perverso em relação a população infanto-juvenil marginalizada.

Do início até o final, a pauta que mais se apresenta são as inúmeras torturas físicas e mentais, o trabalho escravo e diversos abusos que acarretaram o sentimento de ódio nos adolescentes e nas famílias que preferiam o filho na criminalidade ao invés do sistema de reeducação.

Nesse cenário é pertinente lembrar que é recente o debate na legislação brasileira acerca da proteção das fases mais importantes do indivíduo, a infância e a adolescência, fases nas quais o caráter social é formado e preparado para a inserção do indivíduo na sociedade.

A Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, é o primeiro documento criado com a finalidade de integrar as crianças na sociedade e zelar pelo seu convívio e interação social, cultural e financeiro, dando-lhes condições de sobrevivência até a sua adolescência.

A partir da aprovação deste importante documento, a infância passa a receber maior atenção por parte do Estado, uma vez que as crianças foram então colocadas como sujeitos de direito, sendo dever estatal zelar pela garantia de todos os direitos fundamentais inerentes a elas.

Neste sentido, o Princípio II da supracitada Declaração estabelece que:

A criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidade e serviços a serem estabelecidos em lei e por outros meios, de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade (NAÇÕES UNIDAS, 1959, s/p).

Observa-se, no entanto que no Brasil, no final do século XX, a criança e o adolescente ainda eram tidos como pessoas em situação irregular, como trazido no artigo 1º, inciso I, do Código de Menores - Lei nº 6.697 de 1979 -, e não como pessoas em desenvolvimento, que necessitavam de atenção especial e tratamento prioritário.

O Direito da Criança e do Adolescente no Brasil somente nasceu com a promulgação da Constituição Federal no ano de 1988.

Em 1990, a fim de complementar o texto constitucional recém criado, foi promulgada a Lei nº 8.069 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Este texto legal estabeleceu os princípios da prioridade absoluta e da proteção integral, visando justamente garantir que esses indivíduos sejam tratados de forma a promover sua inserção saudável no meio social e garantir seu pleno desenvolvimento, o que deve ser tratado como uma das mais importantes responsabilidades sociais do Estado.

Nesse âmbito, a presente pesquisa revela a sintonia entre o direito e a literatura escolhida, "Capitães de Areia", demonstrando-se necessária e atual pela importância

da discussão acerca dos reflexos que a omissão estatal ainda gera óbice dos direitos fundamentais da criança e do adolescente ocasionando várias implicações negativas na qualidade de vida social e na segurança pública.

I - Capitães de Areia

Capitães da Areia foi publicado em 1937. O romance destaca o dia-a-dia de um grupo de crianças e adolescentes, praticantes não só de diversos assaltos, como também de alguns atos violentos que provocam repressão policial. Mostra o cotidiano de um grupo de meninos de rua, que moravam em um trapiche na cidade de Salvador, Bahia.

Não destaca apenas os roubos e assaltos praticados por eles e suas atitudes delinquentes, mas procura nos fazer entender, também, de suas aspirações, desejos sonhados por qualquer criança e adolescente.

É uma obra inserida no contexto da Segunda Geração do Modernismo Brasileiro, também chamada de Geração de 1930, firmada em um período de tensões ideológicas e de guerra no Brasil. A Segunda Guerra Mundial, e o Estado Novo no Brasil, ou seja, a ditadura de Getúlio Vargas (1937 a 1945) estavam acontecendo nesse mesmo tempo. Desde então o Brasil sofreu modificações na sua política. Por causa do pessimismo que se apresentava presente em toda a sociedade, essa inquietação ecoou nas expressões literárias. A literatura se voltou à realidade social brasileira. Capitães da Areia surgiu, então, nesse momento, trazendo à luz um bando

de crianças abandonadas, em uma obra hoje classificada na tendência neorrealista e regionalista do que chamamos de Romance de 1930.

No próximo capítulo, intitulado “Desvios e crimes”, nos concentramos em uma aproximação do autor, da obra e da teoria sociológica, a partir do nosso recorte: “Desvios e crimes”, assim, apresentamos Jorge Amado e seus desvios, Capitães da Areia e o romance de 1930, na perspectiva de exposição desviante e desconfortável para a sociedade da época, e os desvios e crimes. A reflexão do quarto capítulo foi reservada para abordamos os desvios e crimes dos capitães da areia, já no quinto capítulo nos concentramos na personagem Pedro Bala e nas aproximações entre a narrativa da década de 1930 e a atualidade.

III. Desvios e Crimes

A sociedade compreende como desvio qualquer comportamento que fuja às suas regras de comportamento, escritas ou não. Dessa maneira, procuramos refletir sobre o comportamento desviante do autor do romance Capitães da Areia, Jorge Amado, bem como sobre as características que fazem este romance, que veio à luz na década de 1930, uma narrativa que se caracteriza como desviante. Para dar seguimento à nossa leitura, apresentaremos as reflexões de Anthony Giddens (2008) sobre os desvios e crimes.

3.1 - Jorge Amado e seus desvios

Na biografia de Jorge Amado, destaca-se como desvio para a sociedade o momento em que ele conheceu a ideologia do partido comunista quando se formou em Direito, apesar de ter se afastado da militância no ano de 1955, logo após o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, quando foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e de ter publicado *Os subterrâneos da liberdade*, passando a dedicar-se à Literatura.

A sociedade brasileira passava por uma transformação resultante da Revolução de 30 e com a chegada de Getúlio Vargas à presidência, o que resultava em uma instabilidade e crise por conta das organizações políticas que estavam prontas a tomar as rédeas do novo Estado. Organizações essas como a Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932, e, posteriormente, em 1935, a Aliança Nacional Libertadora, cujas ideologias da época se radicalizavam ao fascismo e ao comunismo.

No meio dessa situação política, para que os intelectuais, tentando compreender qual seria a realidade brasileira dentro do contexto de uma nova era moderna, entra em cena.

Em 1930, Jorge Amado formou um círculo de amizade com pessoas da política e das letras, no qual marcou profundamente sua personalidade e a preocupação que teve com os problemas de ser brasileiros (GOLDSTEIN, 2008, p. 81). Nessa mesma época, Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, América Latina e Estados Unidos, nesse percurso escreveu *“Capitães da Areia”*. Durante o regresso de uma de suas viagens ele sofre com a perseguição, acarretando em sua prisão, devido a supressão da liberdade política decorrente da proclamação do Estado Novo (1937-50)” (GOLDSTEIN, 2008, p.82).

Em 1945, na cidade de São Paulo Jorge Amado ao participar do I Congresso Brasileiro de Escritores, cuja chefia estava em sua responsabilidade, onde conheceu a escritora Zélia Gattai sua grande paixão. A união com Zélia levou a luta com o movimento pela libertação de presos políticos do Estado Novo, mas o seu casamento durou até 2001, ano em que faleceu o grande contador de histórias, conforme ele dizia ser.

“Eu sou um contador de histórias, não sou outra coisa. Eu venho e conto minha história. Aquilo que eu sei e como sei” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 57).

A partir do conhecimento achemado ao repertório literário amadiano, percebemos a sua obsessão em representar as belezas baianas, principalmente o mar. Conforme registra Candido “[...] o mar penetra com Jubiabá, e daí por diante não lhe é mais possível livra-se da sua obsessão”. Em “Capitães da Areia” os meninos se agitam pelas praias, o ambiente onde vivem, amam, sofrem e sonham no devaneio do dia ouvindo apenas o apelo da água. “Em Mar Morto o mar invade o livro todo, pois que ele é o livro” (2008, p. 72).

Amado sempre quis mostrar a realidade de uma sociedade marginalizada da Bahia, analisando os seus personagens que na maioria são negros, malandros, prostitutas, menores, coronéis e pescadores baianos. Autor de “O mar” aos onze anos, Amado, talvez não imaginasse o tamanho da repercussão que sua carreira literária viesse alcançar.

Jorge Amado é reconhecido não apenas pela sua vasta produção literária, mas pela sutileza de suas narrativas líricas. Em sua primeira fase escreve “Capitães da Areia”, um romance que apresenta o contraste na forma lírica do narrador compor o enredo com a criação das personagens que desnudam o seu fazer através das intrigas, e assim, nos permite compreender a simbologia social que eles representam.

Nascido no interior e tendo vivido na cidade, um tempo da sua infância e adolescência, ele atraiu, para si, a observação do ciclo do cacau, o viver sertanejo bem como os problemas sociais que aconteciam no Brasil nos anos 30, e que, não por coincidência, continuam patentes em nosso país, em pleno século XXI, como o abandono de menores e as injustiças sociais, por exemplo.

“Seus personagens se tornam emblemáticos das condições sociais, 27 dos valores e das aspirações de toda uma classe” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 213).

IV. OS DESVIOS E CRIMES DOS CAPITÃES DA AREIA

Como tantos outros encontrou na amizade que cativara entre os “capitães”, um porto seguro para a sua sobrevivência, participando de atos que os faziam se desviarem do correto caminho de uma criança normal. Vejamos o perfil de Pedro Bala: É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para as suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte. (AMADO, 1986, p. 26). Pedro Bala e sua turma sofrem desde o início o desamparo, a não presença de uma imagem materna, ou de alguém que os ajudassem a ter uma vida melhor, sem apoio da sociedade, de políticas públicas que resolvessem seus problemas sociais, transformando-as em crianças marginalizadas. A opressão não afeta somente a etnia, mas também a sua classe social, o pobre.

Pedro Bala tem “cabelos loiros, ou dourados”, o que num estado em que a população é majoritariamente negra, nos dá a impressão de símbolo branco de um herdeiro, uma espécie de coroa que, nessa lógica preconceituosa da valorização do padrão branco, confirma a sua liderança sobre os capitães da areia, lhe dá lugar de destaque. Era uma espécie de pai para os meninos. Inteligente, sagaz, sabia ser bruto para com as meninas negras, mas ao mesmo tempo era amoroso, como foi com Dora. Era o mais corajoso e capacitado para liderar os capitães. Por ter começado cedo na vida desviante, conhecia todos os caminhos da criminalidade que aconteciam nas ruas de Salvador.

Através do estivador João de Adão, Bala toma conhecimento sobre a liderança de seu pai, como grevista que, por isso, foi morto, levando então, ele passa a conhecer as ideias comunistas e percebe que, conseqüentemente, a greve era a arma utilizada pelos trabalhadores. Buscando um avanço social, em favor dos mais pobres, foi um marco percebido pelo escritor José Louzeiro na obra de Jorge Amado que assim se expressou:

“A par da audácia literária que, não sendo estilística, era social, Jorge Amado tornou-se, entre nós, o escritor sem medo. Heroicamente, atravessou a Ditadura Vargas, durante o Estado Novo, e pode e deve ser mencionado como o Pai do Romance Proletário Brasileiro”. (LOUZEIRO in PALAMARTCHUK, 2013, p.23).

Nesta narrativa as personagens nos levam a reconhecer essa audácia na literatura de Jorge Amado, visto que “A literatura proletária se propõe incentivar a revolução dos oprimidos. O romance proletário deve inspirar o sentimento de revolta e de luta. Fazer do leitor um inimigo desigualdade de classe. Comover não basta. É preciso revoltar.

A motivação política de Pedro Bala e dos Capitães da Areia se deu a partir do momento em que João de Adão, um estivador e o estudante Alberto, estiveram no trapiche para dizer a Bala que a greve dos operários dos bondes não podia ser furada e se os grevistas fizessem piquete, impedindo aqueles que queriam trabalhar, seria um motivo bem plausível para que acontecesse a intervenção policial, o que resultaria no desmanche do caráter pacífico e disciplinado de como estava acontecendo a greve, o que prejudicaria o motivo do movimento grevista quanto à obtenção do aumento salarial reivindicado. Seria necessário usar da violência para impedir que não fossem colocados os bondes em movimento. Então, Alberto, o estudante, transformou Capitães da Areia em um grupo ativista de esquerda.

Pedro Bala tornou-se agente da revolução socialista. Assim, ele, Bala, o Professor e Pirulito deixaram de existir tipicamente como capitães da areia e foram, cada um à sua maneira, lutar por uma sociedade mais igualitária. Suas ações deixam de ser apenas a delinquência e passam para a transformação política da sociedade.

V. PEDRO BALA E AS APROXIMAÇÕES ENTRE A NARRATIVA DA DÉCADA DE 1930 E A ATUALIDADE

A violência urbana nos preocupa. Preocupa a população adulta, às crianças, jovens e adolescentes. É parte muito presente de nosso cotidiano e dialoga de maneira marcante com o texto literário de Jorge Amado, escrito há muitas décadas de distância.

Assim, é crucial para esta análise fazer o movimento de reflexão sobre o texto literário e a nossa realidade hoje, tomando como ponto de partida a definição para a violência.

A violência se personifica de diversas formas e pode ser caracterizada igualmente: violência contra a mulher, violência contra LGBTQIA+, violência moral, violência sexual, violência contra a criança e o idoso, entre outras. Cabe salientar que essas diversas formas de violência podem ser observadas em vários espaços, sendo o meio urbano o mais propício para o desencadear destes atos.

Ao analisarmos os Capitães da Areia podemos observar que a violência praticada pelos mesmos se devia às necessidades de sobreviver num caótico mundo onde acontecimentos políticos se desenrolavam sem que atingissem suas necessidades primordiais. Sem família, sem apoio do governo voltado para a criação de um Estado Novo como a Nova Constituição, a Carta Outorgada de 1937, ficavam à regalia das atenções governamentais. Sem emprego nem escola, sofrendo a perseguição policial, resultado de seus atos não aceitáveis pela sociedade como assaltos, arrombamentos, assassinatos, estupros, mas que encontravam pessoas dispostas a ajudá-los. Individualmente eles tinham a educação encontrada nas ruas. O mundo os ensinava a lei da sobrevivência, mas tinham um entendimento da cultura e da religião locais. Uns católicos, outros umbandistas e encontravam tanto na figura do padre José Pedro como na da Mãe de Santo Aninha uma afetividade de um relacionamento tranquilo. Nem o clero e nem as autoridades os confrontavam, salvo quando alguma autoridade ou personalidade famosa era alvo de seus atos.

É importante destacar que eles eram sempre culpados pela mídia da época. Na crista da marginalidade desenfreada encontramos, atualmente, em pleno mundo de comunicações modernas, uma gama de eventos criminosos praticados por jovens e adolescentes, que assustam não só a população do nosso país como a sociedade globalizada. Os “Capitães do Asfalto”.

O que queremos dizer sobre esses “capitães” é que são os delinquentes, desviantes que descem do morro para o asfalto para praticarem seus desvios ou simplesmente para se divertirem, ter um momento de lazer junto à sociedade que se diversifica no lazer das praias, mas que, para a polícia, descem apenas para cometer seus atos criminais. São considerados, pelo fato de descerem do morro, vir das favelas, invasores de um espaço que, por direito, pertenceria a eles também. São constrangidos, muitas vezes, somente pela cor, para deixar bem claro que ali não é meu lugar de fala. Não se diferenciam muito da turma de Pedro Bala. Mas, a prática

de suas atrocidades cada vez nos estarrece pela maneira de como vem se desenrolando seus crimes, geralmente praticados contra a sociedade. São facções criminosas que invadem as favelas e até mesmo os bairros mais pobres das grandes cidades. Porém, após a leitura de um romance como *Capitães da Areia*, há que se considerar que isto tudo é resultado da displicência que nós, como sociedade constituída, juntamente com as autoridades competentes ao caso, evitamos de discutir, de estudar uma maneira, uma forma de conter a violência praticada, principalmente quando envolve menores.

Sabemos que leis existem, como o ECA, que prevê, no seu Art. 1º a proteção integral à criança e ao adolescente, e no seu art. 7º onde diz: “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”, e que se aplicadas corretamente, evitariam ou até mesmo dariam um fim à prática desses desvios comportamentais.

Segundo Figueiredo (2011), o ECA é a maior referência sobre os direitos da criança e do adolescente, legisla sobre adoção, abuso sexual, diversão, alimentação, atos infracionais, dependência de substâncias tóxicas, liberdade, saúde, enfim, tudo aquilo que determina crianças e adolescentes como sujeitos de direitos humanos. Essa nova condição jurídica a que foram alçadas as crianças e os adolescentes coloca-os em posição de igualdade em relação aos adultos. Agora, ambos são vistos como pessoa humana, possuindo direitos subjetivos que podem ser exigidos judicialmente.

O descaso social se evidencia na história dos capitães da areia e se repete hoje. E esse descaso resultou na busca desses meninos por uma sobrevivência no meio da prática de seus desvios: roubos, assaltos e até mesmo crimes. Um dos crimes que chama bastante atenção no enredo desse romance é o estupro, o que é evidenciado, atualmente, em todos os meios de comunicação, tal é a sua frequência. Notícias como: “Quatro adolescentes acusados de participação no estupro coletivo de quatro garotas na cidade de São Paulo, foram condenados a cumprir três anos de internação como medida socioeducativa. O prazo para cumprimento da medida pode ser estendido, já que os menores serão avaliados a cada seis meses”. Notícia cuja manchete se intitulou “Menores são condenados a cumprir internação por estupro

coletivo no, nos fazem regressar ao ano de 1937, 81 anos atrás, quando no romance Capitães da Areia nos deparamos com um fato relacionado a esse desvio. As meninas negras eram alvos constantes de alguns desses meninos. Usavam, inúmeras vezes, a força para concretizar o ato sexual como aconteceu com “Capitão Pedro” – era assim que João de Adão o chamava -, ao estuprar uma menina, narrada numa das passagens mais chocantes da história: [...] Era uma negrinha jovem, bem jovem, aparentando ter 15 anos de idade, apressou seus passos pois ela se desviara da rua que passava pelo areal. Ia em silêncio. Mas, Pedro se aproximava cada vez mais. Em passos mais rápidos aproximou-se num instante da negrinha. Ele sorria e feito um animal feroz como se tivesse à caça do seu almoço. (AMADO, 1986, p. 79 a 85).

Os desvios e crimes dos capitães da areia evoluíram de roubos, assaltos, estupros para uma violência maior, se assim podemos dizer. Hoje os meios de comunicação continuam nos enchendo de manchetes, notícias criminais, inclusive nos jornais.

Os estudos nos levam a termos algumas visões, pois houve um aumento indiscutível da violência como um todo. E isso tem feito com que a sociedade tenha um anseio por mais rigor, por mais punição.

No Brasil o número de mortes é maior que nas doze zonas de guerra espalhadas pelo mundo. A Anistia Internacional no Brasil revelou esta estatística calculada entre 2004 e 2007, quando 192 mil brasileiros foram mortos, contra 170 mil espalhados em países como Iraque, Sudão e Afeganistão. Dessas mortes, o número de jovens foi de 30 mil, entre eles 77% negros. São dados estarrecedores, mas que refletem o momento pela qual o nosso país está atravessando.

Para Fonseca e Andrade (2011), há um grande descaso por parte do Estado e da sociedade em relação aos menores abandonados que recorrem ao crime para sobreviver. E, quando são internados, em vários lugares do país, podemos ver um retrocesso em que são aplicados castigos corporais que trazem reflexos físicos e psicológicos, bem como o tratamento prisional de quem é reconhecido inimputável por força de lei quando era pra ser aplicada uma medida socioeducativa.

Uma crise que envolve as denúncias contra nossos governantes, como é o caso da corrupção, desviando verbas que seriam destinadas para as políticas sociais na aplicação moradia, da saúde, da educação principalmente resultando em uma onda de criminalização generalizada fazendo com que, cada dia que passa, sejamos envolvidos por uma violência incontrolável.

Falta de emprego, desigualdade social, renda per capita mal distribuída, preconceitos contra os pobres, os negros e os LGBT, as mulheres, violência doméstica etc. É uma fotografia tirada na época dos Capitães da Areia revelada agora, em pleno século XXI.

Entretanto, até mesmo os órgãos competentes se julgam incapazes da solução desses problemas. Capitães da Areia foi lançado em 1937, quando o país atravessava uma fase onde o regime político brasileiro vivia sob o Estado Novo de Getúlio Vargas. E por denunciar, exatamente os problemas que vemos, que sentimos hoje, sobre a questão do abandono de menores, a desassistência à essa classe de brasileiros, Jorge Amado teve sua obra considerada “ofensiva à moral e aos bons costumes”. Tornou-se uma obra indesejada para o sistema e por isso foi queimada “em uma fogueira insólita”, na Cidade Baixa de Salvador, perto do Elevador Lacerda e do atual Mercado Modelo. Na obra do jornalista Caco Barcelos, o dono do morro dona Marta (2003), encontramos um retrato da criminalidade contemporânea.

Os desvios e crimes dos Capitães da Areia permanecem hoje com as mesmas motivações, e talvez evoluíram, infelizmente. O modo de vida de muitas crianças e adolescentes, que faziam parte do bando tornou-se para as crianças, jovens e adolescentes das cidades, grandes ou pequenas, das favelas, dos morros, semelhantes, porém com maior agressividade por parte desses jovens em busca de algo que ainda não conseguiram como a falta de oportunidade de frequentar uma escola, de ter um emprego digno, de poder sustentar sua família. Evoluiu do canivete para as armas automáticas e os fuzis.

A noção de desviante não é fácil de ser definida, e a relação existente entre o desvio e o crime não é simples, mas é possível definir que o crime é uma subcategoria do comportamento desviante. Mesmo que o crime seja resultado de uma transgressão, a associação da criminalidade infantil constitui uma ligação a atividades que não são consideradas crimes. Os crimes do colarinho branco, cometidos por

peças que tem um lugar na sociedade de maior aquisição monetária são crimes com maior proporção, com consequências maiores do que aqueles praticadas pelos pobres. A sua atividade criminal corresponde a práticas comerciais ilegais, sonegação de impostos ou ter R\$ 89.000 depositado em sua conta, sem ser chamado de ladrão ou mal caráter.

Quase sempre não constam das estatísticas policiais ou oficiais, enquanto os crimes praticados por indivíduos marginalizados são desvios imperdoáveis e essas pessoas abarrotam as cadeias e unidades sócio educativas.

Uma sociedade tolerante em relação ao comportamento desviante não sofrerá necessariamente de ruptura social, mas tal só poderá provavelmente ser alcançado quando as liberdades individuais estiverem associadas à justiça social, quer dizer onde exista uma ordem social em que as desigualdades não sejam notoriamente grandes e onde toda a população tenha oportunidade de levar uma vida plena e satisfatória. Se a liberdade não for contrabalançada com a igualdade e se muita gente achar a sua vida destituída de sentido, o comportamento desviante será provavelmente dirigido para fins socialmente destrutivos.

Portanto, as teorias funcionais, segundo Giddens, “encaram o crime e o desvio como o resultado de tensões estruturais e de uma ausência de regulação moral no seio da sociedade” (GIDDENS, 2008, p. 241). Para ele, são inocentes. Quando a ansiedade e a desorientação entram em colapso na vida tradicional da sociedade moderna ocorrem a pressão sentida pelos indivíduos que sentem sempre que as normas entram em conflito com a realidade social.

A desigualdade social no Brasil é uma realidade incontestável. Enquanto ainda se ouve falas como “Cidadão, não. Engenheiro civil formado e melhor que você.” Sempre haverá uma ruptura de quem é certo ou errado, sendo que o errado dificilmente encontrará uma possibilidade de corrigir seus desvios se não houver a boa vontade de quem é certo ou se julga certo, resultando na continuidade de seus atos delinquentes, desviantes e criminosos.

Godoy (2008a) explica que a Literatura é um registro de épocas e instituições, pois o escritor exprime sua visão de mundo e os valores de seu tempo, permitindo, dessa forma, ao leitor avaliar, através de textos literários, como a sociedade percebe o Direito e a justiça: “O escritor, por causa de sua origem e experiência de vida, evidencia o mundo em que vive; sua experiência

é o substrato de um tempo; o escritor faz a crônica da humanidade”. (GODOY, 2008a, p. 29).

Quando essas normas ou leis entram em conflito com a realidade social, os indivíduos se sentem constrangidos ou obrigados a cumpri-las sem que se beneficiem dessas normas, dessas leis.

Jorge Amado, em *Capitães da Areia*, deu voz aos personagens de uma história que não se acaba. Ela continua clamando por **justiça**, por uma mudança de comportamento por parte da governança do nosso país, pois não queremos armas, mas sim livros.

Hoje não temos um presidente que nos alegra, que faz bater o nosso coração de forma positiva ou auxilia na mudança do destino de todos os pobres, negros, mulheres, indígenas e LGBT.

Temos um presidente que utiliza a sua voz para atacar a religião afro ou por um fim na vida de um LGBT, utilizando um livro de sua crença.

A realidade dessa minoria da nossa atualidade, no nosso país é que eles jamais terão a sua voz ouvida pelas leis soprando a seu favor, pela justiça, com imparcialidade, com seriedade, enquanto continuarem à margem de um convívio social, separados numa “cidade baixa”, sem auxílio, sem uma corda que lhe joguem para tirá-los do fundo do poço.

São os mesmos desvios e crimes dos *Capitães da Areia*, agravados por uma desorganização governamental que não consegue pinçá-los do meio em que vivem. Um meio lamacento da criminalidade, ofertado por maiores traficantes, criminosos, que as usam para saciar a ganância do ser e estar cada vez mais no auge da inconsequente aspiração pelo poder. Inclui-se, nesta orla de desviantes, autoridades federais, estaduais, municipais que também, na ânsia de continuar no patamar que adquiriram com seus desvios, continuam praticando esses mesmos desvios para suprir as suas necessidades “artificiais” ou “temporais”. A temática de *Capitães da Areia* nunca deixou e nem deixará de ser atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em "Capitães da Areia", mediante a análise dos espaços que compreendem o trapiche e o reformatório, é revelado a face de um país excludente, que vem sofrendo ao longo dos séculos com um sistema social perverso, que privilegia algumas classes em prejuízo a outras, gerando discriminação, marginalidade, prostituição, miséria, pobreza e abandono. É perceptível que o Estado pouco ou nada faz para mudar essa realidade, demonstrando o quão distante se está do sentido pleno da palavra cidadania. Jorge Amado através da obra, mostra duas formas para exercer a cidadania, através do conhecimento explicitado no personagem Professor e na vivência política, caminho traçado por Pedro Bala. A consciência de classe é fundamental para o surgimento do sujeito-cidadão. Deve-se conhecer como o Estado deve proceder e também sua representação perante outras sociedades, pois se todos estiverem alheios a isso, não estariam sendo, efetivamente cidadãos, ao contrário, estariam demonstrando total alienação sobre o mundo social em que se vive.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 63ª Ed., Rio de Janeiro, Editora Record, 1986.

BAKHTIN, Mikhail, Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance.

Tradução Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Ed: Unesp/Hucitec. 1993

BARCELOS, Caco, Abusado, o dono do morro Dona Marta, Rio de Janeiro, Edit.

Record, 2003.

<https://www.passeidireto.com/arquivo/26175264/o-narrador-de-walter-benjamin/3>

https://www.academia.edu/4236476/Paradigmas_da_Exclus%C3%A3o_Social_2008

CANDIDO, Antonio, A Personagem da Ficção, São Paulo, Edit. Perspectiva, 1976, p. 59.

[file:///C:/Users/FELIPE/Downloads/8635992-Texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/FELIPE/Downloads/8635992-Texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615%20(1).pdf)

CÂNDIDO, Azevedo, A Literatura e a Formação do Homem, 1989, p. 85

[file:///C:/Users/FELIPE/Downloads/8635992-Texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/FELIPE/Downloads/8635992-Texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615%20(2).pdf)

<https://www.dicionarioinformal.com.br/delinqu%C3%Aancia/>

Jorge Amado: romance em tempo de utopia

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

<http://files.letrasunip2010.webnode.com.br/200000008-989c398f4e/Como%20Analisar%20Narrativas.pdf>

<https://damas20162.files.wordpress.com/2016/08/giddens-anthony-sociologia.pdf>

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-face-violencia-urbana-questoes-atuais.htm>

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-16092015-154010/pt-br.php>

https://www.academia.edu/39370324/LINS_Osman_Lima_Barreto_e_o_Espa%C3%A7o_Romanesco

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-brasil-mata-82-jovens-por-dia-5716/>

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>

https://www.academia.edu/37902115/Jorge_Amado_o_realismo_socialista_e_o_romance_prolet%C3%A1rio_historiografia_e_cr%C3%ADtica_liter%C3%A1ria_1931_1937_Jorge_Amado_socialist_realism_and_proletarian_romance_historiography_and_literary_criticism_1931_1937

<http://www.jorgeamado.com.br/professores2/03.pdf>